

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum

Música

Grande Auditório

Qua, 22h00

M/6

24 abr
2024

A Luta Contínua

Concerto de Comemoração dos 50 Anos do 25 de Abril



A Luta Contínua

Conceção e direção artística

Hélder Gonçalves e Manuela Azevedo

Direção musical e arranjos **Hélder Gonçalves**

Intérpretes

Ana Lua Caiano

Capicua

EU.CLIDES

Jonas

Manuela Azevedo

Paulo Flores

Xullaji

Músicos

Hélder Gonçalves

Kiari Flores

Miguel Ferreira

Pedro Biscaia

Pedro Oliveira

Pedro Santos

Textos e apoio à dramaturgia **Capicua e Xullaji**

Dispositivo cénico e desenvolvimento dramático **Victor Hugo Pontes**

Desenho de luz **Wilma Moutinho**

Desenho de som **Nelson Carvalho**

Tradução para português da letra do tema *Si Bu Sta Diante na Luta*

(José Carlos Schwarz) **Peles Negras Máscaras Negras**

Apoio **JCDecaux Portugal e Sebastião & Martins, S.A.**

Agradecimentos **Ana Byda, F. Ribeiro, Formiga Atómica, João Carlos**

Callixto e Nome Próprio

**Programa integrado nas comemorações
dos 50 anos do 25 de Abril**

Eu Vi Este Povo a Cantar...

Podia ser assim o mote para este espectáculo dedicado a canções e a autores que, desde a década de 1950, desenharam uma geografia partilhada da canção de combate — ora partindo do Brasil, ora partindo de África, ora ainda deste rectângulo na ponta da Europa a que há mais de um milénio temos chamado Portugal. Não era ainda independente, mas nem sempre os desejos de autonomia coincidem com a real situação política dos territórios. É por isso que neste espectáculo, desenhado por Manuela Azevedo e Hélder Gonçalves, são trazidas a palco canções que tanto nasceram antes como depois de 1974 e que, por vezes, tiveram vidas não previstas aquando da sua primeira interpretação ou gravação.

Tendo Manuela Azevedo e Hélder Gonçalves nascido eles próprios antes de 1974 (em 1970, para ser mais exacto), a forma como chegam ao conjunto de canções que esta noite vai desfilar perante os olhos de todos é também significativa. Na realidade, o próprio processo de construção do espectáculo vai beber não só às memórias e ao gosto de ambos como também às do colectivo de cantores e instrumentistas trazidos a palco. É natural que Ana Lua Caiano, Capicua, EU.CLIDES, Jonas, Paulo Flores e Xullaji tragam as suas canções para a «luta» — mas fazem mais do que isso, uma vez que são também as suas sugestões e as inquietações que neles germinaram a alimentar o espírito do que iremos aqui presenciar.

Vermos um colectivo de vozes (e instrumentistas, neste caso assente na actual formação dos Clã) remete-nos desde logo para alguns dos conjuntos musicais mais marcantes do pós-25 de Abril de 1974. Entre eles, o CAC (Colectivo de Acção Cultural), que depois abria caminho ao GAC (Grupo de Acção Cultural) — Vozes na Luta, que talvez seja o que continua a ser mais presente, desde logo por ter «à cabeça» José Mário Branco. Mas se a obra deste gigante da nossa Música Popular já tinha dado passos bem seguros antes desse ano de 1974, o GAC-VL foi sempre mais forte precisamente por conta da multiplicidade de nomes que nele se juntavam. Vários fizeram (e alguns continuam a fazer) percursos em nome próprio, mas naquele âmbito temporal tudo parecia mais «verdadeiro» devido à força

de estarem juntos a defenderem, através de canções, uma série de causas em que acreditavam.

Podem ter passado 50 anos, mas é esse o espírito nesta noite. Ao lado de Manuela Azevedo, uma das vozes mais desafiantes que a década de 1990 revelou, estão então mais seis vozes bem diferentes entre si: Ana Lua Caiano, que tem mostrado recentemente que a experimentação ainda pode continuar a fazer parte do panorama *mainstream*; Capicua, que, partindo do *hip-hop*, tem mostrado como poucos várias formas em que este género atingiu um patamar superior entre nós; EU.CLIDES, com uma música pop que pega em vários referentes e volta a dá-los já por si reprogramados; Jonas, uma das vozes mais transgressoras e transformadoras do fado deste século; Paulo Flores, que é inseparável da história da música de Angola e que é aqui o veterano; e Xullaji, que também conhecemos como Chullage e como Prétu e que tem sabido reinventar as músicas urbanas. Tendo começado os respectivos percursos entre os finais da década de 1980 e quase literalmente os dias de hoje, estas seis vozes têm os seus pequenos/grandes universos sonoros já algo «configurados», o que não significa que todos eles não partilhem na sua música uma certa inquietação perante a sociedade em que vivem — e em que, afinal, todos vivemos.

Mas ser um cantor de intervenção actualmente não pode sem dúvida medir-se pelos mesmos parâmetros de há 50 anos — embora muitos deles continuem de facto a ser válidos. No entanto, viver numa ditadura que cerceava oficialmente as liberdades individuais e colectivas obrigava desde logo qualquer criador artístico a situar-se de alguma forma. E a velha máxima de que toda a canção é política tem o seu lado verdadeiro: tendo a música (a arte...) sempre algum propósito (começando pela própria fruição), há necessariamente muita música a que há muitas épocas se chama «ligeira» e que não pretende (nem tem de) ter uma postura interventiva em relação à sociedade que a rodeia. É criada com o propósito de divertir, de fazer dançar, de encantar e de vários outros fins que, tanto em passados ditatoriais como em democracia, fazem parte do quotidiano de todos nós. Há, no entanto, casos em que canções oriundas desses «campos» musicais tentam ter um pé em ambos os

lados da «barricada», juntando arranjos e interpretações próximas dessa canção ligeira a uma maior preocupação na parte lírica. Todos ganhamos quando isso acontece, porque, sendo o campo dito ligeiro o mais mediatizado, é também essa a forma de um público mais abrangente vir a ser confrontado com propostas menos óbvias e a que de outro modo dificilmente chegaria.

Mas voltemos de novo mais explicitamente à canção de intervenção: será que as vozes que em 1974 gravitavam no panorama artístico nacional estavam maioritariamente próximas desse campo? Na realidade, mais facilmente se encontrava uma adesão quase *ad-hoc* de nomes do fado, da canção ligeira ou do folclore às novas mensagens «revolucionárias», numa dupla tentativa de embarcar em possíveis modas (e daí tirar os desejados proveitos) como de não parecer «ultra-conservador». Cinquenta anos depois, que interesses económicos poderão existir quando um cantor ou grupo insere no seu repertório, em termos de mensagem lírica, uma tónica mais acutilante e que não receia pôr dedos nas feridas? Infelizmente ou não, nenhuns ou quase nenhuns. Desta forma, podemos chegar à conclusão de que, por maior ou menor que seja, o *corpus* de canções ligado a esses «princípios norteadores», que se foi construindo nas últimas cinco décadas, tem por trás de si um conjunto de criadores que continua a acreditar no poder transformador da arte. Como é o caso, aliás, dos músicos que iremos ver em palco esta noite.

É, sem dúvida, a inquietação constante que leva a que a lista de autores deste espectáculo seja bastante diversificada, mas sempre actuante. Para além dos próprios intérpretes, com Portugal, Cabo Verde e Angola nos genes mais próximos, do Brasil vêm Caco Velho e Piratini; de São Tomé e Príncipe vem o malogrado José Carlos Schwarz; e de Portugal chegam-nos letristas como Regina Guimarães e João Monge, autores musicais como os sempre vivos José Afonso e José Mário Branco, ou, da mesma geração deste último, Sérgio Godinho, Fausto e Paulo de Carvalho; de uma geração intermédia, chega-nos Ana Deus; já deste século XXI, escutamos B Fachada e, ainda mais recentes, Cátia Mazari Oliveira (A Garota Não) e Tota. Muitas abordagens, muitas perspectivas, muitas formas de ajudar a construir um país e um mundo — e decerto que a arte literário-

-musical destes nomes não é toda ela do conhecimento de um público mais generalista. Uns porque ficaram esquecidos, outros por preconceito, outros por preguiça, muitas são na realidade as razões que achamos válidas para não nos aventurarmos mais amiúde para além do nosso pequeno pé. Mas é precisamente quando fazemos esse exercício que nos transcendemos e que percebemos que viver em comunidade não é o mesmo que viver como que em bolhas, em que a cultura de quem está a 500 ou a 2500 quilómetros de nós nos parece uma imensa nuvem inatingível e que em nada nos acrescentará quotidianamente. Publicados em 1624, há exactamente quatrocentos anos, não podemos aqui esquecer os sempre pertinentes versos do poeta britânico John Donne sobre nenhum de nós ser uma ilha isolada e cada um ser uma parte do continente. Nunca devemos de facto perguntar por quem os sinos doam — eles doam sempre por nós. Para denunciar injustiças e discriminações raciais, sociais ou de género, a canção há muito que diz «presente». E hoje vai fazê-lo a plenos pulmões, para que não nos passe nada ao lado e não nos demitamos do nosso papel. A cantiga será sempre uma arma!

João Carlos Callixto

31 de Março de 2024

(o autor escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)

25 de Abril sempre!

Há poucos dias no calendário que sobrevivem além da data
Que passam a ter nome próprio
Ainda que seja número
Sem ser preciso dizer sequer o ano
Como aquelas pessoas que de tão célebres dispensam o sobrenome.

Zeca é Zeca
Sophia é Sophia
Amália é Amália

De tão grandes não se esgotam na sua circunstância
Transbordam para além dos limites do tempo e da existência
Ocupando os dias todos
Os anos todos
Mudando tudo para existir daí em diante
Acima de todos os detalhes.

É por isso que 25 de Abril é sempre
E não apenas um dia em 365
Todos os anos
Ou aquele dia ímpar de 1974
(Ainda que esse dia tenha sido o mais longo, o mais profundo, o mais inesquecível da nossa história comum).

25 de Abril é sempre porque é hoje
É a promessa em curso
É o trabalho em mãos
É a utopia em eterna realização
É um propósito inacabado para cumprir todos os dias
É todo o caminho feito e por fazer
Como se aquela madrugada se renovasse a cada crepúsculo
Para nos dar a oportunidade de tentar tudo de novo
Com a certeza de que a Liberdade é um exercício quotidiano
(E não uma conquista)
E que o 25 de Abril somos todos
(E não uma efeméride).

25 de Abril Sempre!
E mais do que nunca
Porque a cada renovar de votos
Se arregaçam mais as mangas
E nos brilham mais os olhos
Sempre postos no Abril que há que fazer amanhã.

Capicua

Em Abril m-águas mil

Em Abril m-águas mil
trago-as mil
afogo-as nas mil
águas das memórias mil
do martelo e da foice
foi-se a liberdade e ficou o dia
do martelo que já não bate
da foice que não ceifa, da cantiga
que não pia a não ser naquele dia
(...) de abril...

abril m-águas mil
trago-as mil
afogo-as nas mil
águas das lágrimas mil
de quem a fome ameaça ser vil
servil, nação onde pão lê-se sem
til. [pau]
Servil nação que ainda há pouco
Se tinha Levantado do chão para já ter caído
No canto do vigário, amigo do latifundiário
regressado do exílio do Brasil

abril m-águas mil
trago-as mil
afogo-as nas mil

águas das caras mil
de quem a vida ameaça-se febril
fabril, luta deslocalizada
servil, terra expropriada
de onde exporta o seu povo ao quilo
«Há sempre uma França»...Brasil do operário...
Há sempre um *call center*...Brasil
Do precário...
Há sempre um *Web Summit* para o nómada digital
E há uma estufa para o nómada involuntário

Abril,
em meia-idade e ainda assim
Pueril e temerário
sob a égide duma Europa
que mandou couves que são
de Bruxelas, alho que é francês,
presunto de Bayonne,
salsichas de Frankfurt
e um bouquet de flores de
Holanda, para enterrar abril
Abril que regado de azeite e alho
Mas com medo de jindungo e caril

Abril, m-águas mil
ou será já um «novembro»
nada primavera
acinzenta-se o tempo para este
1.º de Maio, e rejuvenesce-se a
fúria do dez de junho
dum país que cortou os pulsos
mas orgulhosamente ergue o punho.

Abril m-águas mil
trago-as mil
afogo-as nas mil
muitas mil que amanhã
estarão nas ruas da amargura
reivindicando abril:

Abril agora
Abril agora ou nunca
Abril agora mais do que nunca
Abril agora que os meninos perdidos
Veem a aurora na Terra do Nunca
Abril agora, fascismo Nunca
Abril agora que se trunca
A liberdade que vinha chegando
A igualdade que não chegou nunca

Xullaji

Clã © João Octávio Peixoto
Paulo Flores © Ana Viotti
Kiari Flores © Indi Nunez
Ana Lua Caiano © Joana Caiano
Capicua © Pedro Geraldês
EU.CLIDES © Eduardo Gonçalves
Jonas © Marília Maia e Moura
Xullaji © Iam Arthur

CLĂ





**PAULO
FLORES**



**ANA LUA
CAIANO**



**KIARI
FLORES**



CAPICUA



EU.CLIDES



XULLAJI



JONAS



Hélder Gonçalves

Compositor, arranjador e produtor. Membro fundador dos Clã, produz álbuns de Sérgio Godinho, Virgem Suta, Nuno Prata. Destaque para o seu envolvimento no projeto *Humanos*. Como compositor de canções, cria em parceria com Carlos Tê, Sérgio Godinho, Arnaldo Antunes, Regina Guimarães, entre outros — escrevendo essencialmente para os Clã, mas não só. Compõe para televisão, cinema, teatro, dança, colaborando com Nuno Carinhas (FÃ), Formiga Atómica (*Montanha-Russa*, *Fake*, *Má Educação*, *Terminal* (*O Estado do Mundo*), Victor Hugo Pontes (COPPIA, *Unísono*, *Hapinness*) e Tiago Rodrigues (*La Cerisaie*).

Manuela Azevedo

Vocalista dos Clã desde a sua formação (1992), colabora também com outros artistas, com destaque para *Humanos*, *Caríssimas Canções*, de Sérgio Godinho, *Deixem o Pimba em Paz*, de Bruno Nogueira, e COPPIA, que criou em parceria com Hélder Gonçalves e Victor Hugo Pontes. No teatro, trabalha com Maria João Luís (*Lua de Maria Sem*), PELE (*Inesquecível Emília*), Sara Carinhas e Carla Maciel (*Baile*), Nuno Carinhas (FÃ), Formiga Atómica (*Montanha-Russa* e *Terminal* (*O Estado do Mundo*)) e Tiago Rodrigues (*La Cerisaie*).

Ana Lua Caiano

Explora a fusão musical, através da junção da música tradicional portuguesa com música eletrónica. Cria melodias que remetem para a tradição — fazendo uso de coros,

harmonias e cânone — numa união com sintetizadores, *beat-machines* e sons retirados do quotidiano, atuando num formato «one woman show». Considerada «artista revelação» com os seus dois EP, *Cheguei tarde a ontem* e *Se dançar é só depois*, apresentados ao vivo em dezenas de palcos nacionais e internacionais, tais como a WOMEX, BIME Bilbao, MIL Lisbon, Fira BI, MUM, Live Europe, Les Trans Musicales, entre outros. Já este ano, Ana Lua Caiano atuou no festival EUROSONIC, tendo estado nomeada nos Music Moves Europe Awards. Agora, com o seu longa-duração de estreia, *Vou ficar neste quadrado*, Ana Lua Caiano estará em digressão com várias datas nacionais e internacionais a serem anunciadas brevemente.

Capicua

Nasce no Porto nos anos 1980, descobre a cultura *hip-hop* nos anos 1990 e torna-se *rapper* nos anos 2000. Socióloga de formação, acabou por fazer da música o seu principal ofício e é conhecida pela sua escrita emotiva, feminista e politicamente engajada. A sua discografia conta com duas *mixtapes* e três álbuns em nome próprio, um disco de remisturas, dois discos-livro para crianças, um disco luso-brasileiro colaborativo e um EP ao vivo, além da direção artística do álbum de homenagem a Sérgio Godinho, *SG Gigante* (2022). Na última década, tem conquistado um público muito diverso e acumulado colaborações com vários artistas lusófonos, tem somado concertos, *workshops*, conferências, projetos

sociais e comunitários (como o *OUPA* integrado no Cultura em Expansão da Câmara Municipal do Porto ou o *Recanto* a convite da Arte em Rede). De assinalar é também o seu aclamado percurso como letrista para vários intérpretes e, em particular, do novo disco *Metade-Metade* (2024) de Aldina Duarte que escreveu na íntegra. Tem também somado várias experiências de escrita para teatro (de dramaturgia a bandas sonoras) e conta já com muitos anos de atividade como cronista, na revista *Visão* (2015–2021) e agora no *Jornal de Notícias*. Capicua é também autora de dois livros, um de crónicas e poemas – *Aquário* (Companhia das Letras, 2022) e *Cor-de-Margarida* (Nuvem de Letras, 2023) para o público infantil. O ano de 2024 começou com novidades: um tema novo, *Que força é essa amiga* (que é uma versão renovada e no feminino do clássico de Sérgio Godinho) e que assinala uma nova temporada de criação.

EU.CLIDES

Nasceu em Cabo Verde em 1996 e cresceu em Portugal. Teve bastante cedo contacto com a guitarra em sua casa e também na igreja onde via o seu pai tocar e cantar. Aos oito anos, em Aveiro, entrou para o conservatório de música, onde pôde começar os seus estudos de guitarra clássica. Foi mais tarde, em 2016, que a sua paixão pela música levou-o até Paris, onde começou uma intensa viagem como guitarrista. E ali teve oportunidade para fazer novos encontros com artistas e músicos de todo o mundo. As luzes da cidade acenderam-se para EU.CLIDES e

foi nessa altura que começou a sua primeira digressão com o grupo do Senegal Daara J Family, e, mais tarde, com a artista cabo-verdiana Mayra Andrade. Depois destes quatro anos, decidiu dedicar-se ao seu projeto a solo, onde deixa o seu ADN cultural falar mais alto. Na primavera de 2020 contámos com o seu primeiro single, *Terra-Mãe*, onde faz uma homenagem à Liberdade e ao 25 de Abril. Seguiu-se *Ira Para Quê?* e, por fim, o *Tempo Torto*, em colaboração com o artista português Branko. Atualmente, EU.CLIDES cativa audiências com a sua mistura única de géneros musicais. O álbum *Declive*, lançado em março de 2023, com letras de Tota e produção de Pedro da Linha, é uma obra profunda, inspirada em parábolas que exploram as complexidades da vida. Através das letras poéticas e da música harmoniosa, EU.CLIDES cria uma experiência sonora cativante, que mescla influências que vão desde a música clássica à eletrónica, passando pela música cabo-verdiana e gospel. O título *Declive* reflete a jornada de altos e baixos, onde a música se torna uma rampa que nos constrói para algo melhor, mesmo no meio da dor e do stress.

Jonas

Nascido em Lisboa a 1986, Jonas inscreve-se nas artes performativas como fadista, cantautor, *performer*, bailarino e coreógrafo. Inicia em 2002 a sua formação artística na escola de artes Chapitô. Desde então, trabalhou com diversos criadores, tais como Tiago Guedes, Clara Andermatt, Jérôme Bel, Vera Mantero, Jorge Fernando, Filipe La

Féria, António Pires, Adriano Luz, entre outros. Em 2007, inicia a sua carreira como fadista em Londres e, em 2011, edita o seu primeiro álbum, *Fado Mutante*, distinguido com o prémio Carlos Paredes 2012. Em 2010, entra na Escola Superior de Dança, onde conhece Lander Patrick, dando os dois início à sua colaboração como cocriadores. O trabalho de Jonas&Lander é reconhecível no panorama da dança portuguesa, como uma obra com forte assinatura de autor, com contornos singulares, explorando a mistura entre as distintas artes cénicas. O percurso da dupla conta já com um variado leque de peças de autor como *Cascas d'Ovo* (2013), *Matilda Carlota* (2014), *Arrastão* (2015), *Adorabilis* (2017), *Lento e Largo* (2019) e *Coin Operated* (2019). Vêm duas das suas peças eleitas para a Aerowaves Priority Company, ganham o 2.º prémio na Ballet International Choreography Competition e foram nomeados pela Sociedade Portuguesa de Autores na categoria de melhor coreografia de 2019, com *Lento e Largo*. Em 2015, fundam a Sinistra, uma casa de fados situada na vila de Sintra e cuja estrutura legal funciona atualmente como casa de produção ao trabalho autoral de Jonas&Lander. Integram ainda a série documental da RTP2 *Portugal que Dança* (2017) e participam no filme *Body Buildings*, em 2020. No mesmo ano, Jonas&Lander iniciam o processo de criação de *Bate Fado*, que estreia em 2021 e é nomeado pelos jornais *Público* e *Expresso* como Melhor Espetáculo de Dança de 2021; e Jonas lança o seu primeiro

álbum como cantautor, intitulado *São Jorge*, com edição da Valentim de Carvalho e produção musical de Jorge Fernando. Em 2023, estreia o espetáculo que acompanha o seu segundo álbum, ambos intitulados *Maçã de Adão*. O álbum será lançado em 2024.

Paulo Flores

Embaixador da Boa Vontade das Nações Unidas em Angola, autor, compositor e intérprete, Paulo Flores constrói há quase 40 anos uma obra notável, onde a poesia e as melodias sustentam uma narrativa que faz de forma única um retrato traduzido da alma angolana. O artista fez parte do movimento da *kizomba* no final da década de 1980: esta *kizomba*, que começou como uma dança, representa uma nova era da música e da história de Angola, reconhecível por um revestimento eletrónico que veste e suporta uma mistura de *zouk* e música tradicional africana (Congo e Angola) que está até então na memória de todos. Desde a década de 1990 com temas como *Sarrabulho*, *Patala*, *Mukanda* e *Susana*, do álbum *Brincadeira tem hora*, e principalmente em 1995 com o álbum *Canta meu Semba*, Paulo Flores reapropriou-se dos ritmos do semba de outrora, introduzindo letras em português mescladas ao *kimbundo* da avó materna e à gíria luandense, criando um universo que retrata, de forma única, o viver e o sentir dos angolanos. Paulo Flores inscreve o seu trabalho numa linguagem que assenta na procura e na valorização do património musical angolano, com espaço para a influência de outros géneros

musicais. Surge hoje nesta bem-sucedida mistura de influências caribenhas, brasileiras, afro-cubanas e africanas.

Xullaji

Rapper, sound designer, poeta sónico e visual. Como chullage editou três álbuns (Rapresálias, Rapensar e Rapressão) e colaborou com vários músicos. Em AKapella47, dispara textos em spoken word. Daqui saíram da Hype ou intenCIDADES. A sua última esquizofonia é prétu, um afonauta que funde samples e imagens das suas referências africanas com o seu cosmos eletrónico, e o seu pensamento pan-africanista. Deste projeto resultou já Prétu 1 - Xei Di Kor, editado em outubro passado, considerado pelo Ípsilon (Público) como um dos melhores 10 álbuns de 2023. Cofundador de Peles Negras Mascaras Negras – teatro do escurecimento, coletivo artístico comunitário preto. Integra o Teatro GRIOT como compositor e sound designer. Colaborou com Auroras, Formiga Atómica, Companhia de Atores, Flavia Gusmão, etc. Em Inglaterra, fez Europe After the Rain (Colchester, 2018), The War Has Not Yet Started (Theatre Royal Plymouth, 2017), etc. Colaborou com VHLS nas vídeo- instalações das exposições Prisma (2022), Incision (2019), Fragments Urbains (2018), Debris (2017), Debris (2016), Dissection (2014); com Mónica de Miranda em Path to The Stars (2022), South Circular (2019), Dó (2018) e Beauty (2018), entre outros. Com Francisco Vidal em Casulo, no festival Sónar (2022).

(Biografia escrita com linguagem neutra de género com recurso ao «x»)

Kiari Flores

Artista sem rótulos, dono de uma voz singular, lírica versátil e de um talento interminável. Nascido em 2002 em Lisboa e com Angola nas suas origens, sentiu desde cedo uma forte ligação ao país e às suas raízes mudando-se para Luanda com três meses de idade. Em casa sempre respirou música, muito por influência do pai, Paulo Flores. Aos três anos começou por tocar bateria. Atualmente, para além de percussão, toca também guitarra. Com o semba no sangue e hip-hop no coração, conjuga ambas as influências que Angola e Portugal lhe oferecem. Para além do seu pai, tem também como principais influências os Força Suprema e Bruno M. Em 2018, formou Los Manitos com o seu irmão Fábio Flores. Com a dupla de hip-hop editou sete temas, entre eles os êxitos Tudo Nosso, Nada Deles (2,3 milhões de visualizações), Acontece (2,3 milhões de visualizações) e Tou Na Moda (30 milhões de visualizações). No seu currículo conta também com atuações em festivais como o Zee Festival, Expofacil ou Festival Village em Punta Umbria. Em novembro de 2022 lançou Agentes, o seu primeiro single a solo, pela mão da Roxta Music. Em Agentes, Kiari Flores conta com a produção de Prodígio (Força Suprema) e Boper. Este é um dos temas de avanço do seu álbum de estreia a solo com lançamento previsto para 2024.

Miguel Ferreira

Membro dos Clã desde a sua formação, em 1992. Como músico convidado colaborou com Blind Zero, Maria João & Mário Laginha,

Jorge Palma, Mafalda Veiga, Jafumega, Três Tristes Tigres, Samuel Úria e Ornatos Violeta. Como produtor colaborou em gravações com Maria João, Mafalda Veiga e Samuel Úria. Gravou teclados nos discos de Sérgio Godinho, Margarida Pinto, Virgem Suta, Sensi, Capicua e Lena d'Água. Produziu e gravou bandas sonoras para peças de teatro com Carlos Tê. Participou no musical *Montanha Russa*.

Pedro Biscaia

Pedro Biscaia nasce no Porto em 1971, familiarizando-se desde cedo com o mundo artístico através, sobretudo, do seu pai que era músico e também de familiares ligados à arquitetura e às artes plásticas. Inicia os seus estudos musicais com seis anos de idade, passando por várias escolas de música no Porto e ingressando mais tarde nos cursos Silva Monteiro, escola de referência desta cidade. No início dos anos 1990, tocando já em várias bandas locais, inscreve-se na Escola de Jazz do Porto, onde conhece Hélder Gonçalves, fundador dos Clã, banda que integra desde a sua formação em 1992, a convite deste. Os seus estudos prosseguem particularmente com o pianista de jazz George Letellier, enquanto concluiu o curso de arquitetura, no qual se licenciou em 1996. Musicalmente o seu trabalho passa sobretudo pelos Clã, integrando pontualmente outros projetos musicais, com colaborações em alguns álbuns de bandas nacionais.

Pedro Oliveira

Iniciou a sua atividade musical em meados dos anos 1990 e, desde então, tem partilhado palcos e gravações com nomes como Jim Barr (Portishead), Jake McMurchie (Portishead/Massive Attack), Pete Judge (Get The Blessing), Vincent Moon, Priscilla Telmon, Rabih Beaini, Rui Reininho, Alexandre Soares e Ana Deus, Clã, Peixe:avião, Dear Telephone, OZO, Old Jerusalem, Adolfo Luxúria Canibal, Sensible Soccers, Samuel Úria, entre muitos outros. Apresenta-se também a solo com o projeto *Krake*, onde explora ao limite a relação tímbrica entre bateria e eletrónica. Fundou a editora PAD/EASY PIECES. É atualmente criador e diretor artístico dos festivais Jazz ao Largo e Prata da Casa, bem como produtor do festival Semibreve.

Pedro Santos

Atualmente baixista dos Clã, Miguel Araújo, 47 de Fevereiro, Valter Lobo, New Max e Marta Ren. Colaborou em estúdio com os nova-iorquinos The Last Internationale, André Indiana, Marisa Liz, Ace, Minus & Mr. Dolly, Mónica Ferraz, Língua Franca, entre outros. O seu baixo soou também em palcos com Jorge Palma, Expensive Soul, Jafumega e Azar Azar.



Detalhe de mural feito por *Thunders Crew* (Gonçalo Mar) em colaboração com a Galeria de Arte Urbana (2022) na Av. da Índia. © Leonardo Ladeira/CCB



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL



JÁ A SEGUIR
4 MAIO 2024 – CICLO TAKE OFF

Wolf Manhattan

Uma verdadeira criação do inquieto músico, compositor, produtor João Vieira que depois de marcar o panorama musical nacional com projetos tão díspares como complementares como os X-Wife, as festas Club Kitten e o alter-ego eletrónico White Haus, regressa agora transfigurado na personagem Wolf Manhattan. Num extravaso que nasce de uma urgência criativa em plena pandemia, João Vieira socorreu-se de referências *lo-fi* para construir esta nova persona *folk-punk-garage*. Adam Green e os seus Moldy Peaches, Jonathan Richman sem os Modern Lovers, os Velvet Underground e o nome maior que é Daniel Johnston foram os companheiros de viagem para escrever esta história e criar uma sonoridade que se apresenta como um antídoto para neutralizar as complexidades do dia-a-dia.

Sáb, 21h00
Pequeno Auditório
M/6

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



APOIO MEDIA



COFINANCIADO POR

